

**A Mitologia da Conspiração em Gustavo Barroso:  
Entre as Fronteiras da História e da Literatura (1937)**

Danilo Linard<sup>1</sup>  
danilo.linard@bol.com.br

Na perspectiva do historiador francês Raoul Girardet (1987), existe um universo discursivo por ele denominado como “Mitologias Políticas”. Nesse campo, circulam diversas narrativas que apresentam “salvadores”, projetados em indivíduos/líderes ou grupos partidários, “conspiradores”, que tramam sem descanso a dominação mundial, assim como, idealizações acerca de uma “unidade” ou “idade de ouro”, as quais teriam constituído uma sociedade quase perfeita, utópica, seja num âmbito étnico/racial, econômico, religioso, político, etc., e que teriam sido vividas no passado ou que devem ser revividas, criadas, no futuro. Tais narrativas político-mitológicas mobilizam indivíduos, grupos e partidos políticos das mais variadas tendências ideológicas, influenciando (ou sendo influenciadas) pelas dimensões culturais, simbólicas e imaginárias em épocas ou lugares distintos. As mitologias políticas possuem um forte potencial como elemento justificador de atos intolerantes ou marcadamente cruéis. Nosso intuito consiste em analisar o texto “As Reuniões Cabalísticas no Cemitério de Praga”, do literato e intelectual cearense Gustavo Barroso (1888-1959), texto esse incluído num conjunto de ensaios publicados como livro intitulado “Judaísmo, Maçonaria e Comunismo” (1937). Em nossa análise, recorreremos aos pressupostos de Girardet acerca das estruturas do mito político da “conspiração” e, no mesmo movimento, colocamos o referido texto de Barroso também sob a luz da noção de “protocolos ficcionais”, elaborada por Umberto Eco (1994). No referido escrito de Barroso, há o desenvolvimento de um discurso totalmente eivado pelo antissemitismo, que tem feito dos judeus alvo de condutas extremamente abusivas ao longo dos séculos. Na concepção e visão de mundo de Gustavo Barroso, os judeus estariam empenhados num gigantesco complô que visa controlar todas as dimensões da vida em sociedade. Cada um dos representantes das 12 tribos de Israel teriam o comando de uma parte quase continental do mundo. Para o planejamento e deliberação dos próximos passos que efetivariam a subordinação mundial total, esses representantes se reuniriam secretamente, a cada século, no cemitério judeu da cidade de Praga. Barroso cita em seu texto o famigerado panfleto antissemita “Os Protocolos dos Sábios de Sião” (tendo sido o próprio Barroso o tradutor desse texto para o português), que desde fins do século XIX tem circulado pelo continente europeu, na Rússia e nos Estados Unidos, inclusive sendo utilizado nos discursos nazistas. Esse panfleto fora construído a partir de uma série de plágios de textos conspiratórios, de natureza política ou verdadeiramente literária, ficcional, cuja circulação era bastante comum na Europa, desde meados do século XVII. Para Barroso, os judeus desejariam escravizar todo o planeta através das mais distintas e maléficas estratégias, seja no campo político, econômico ou cultural. Por exemplo, os judeus seriam responsáveis tanto pela maçonaria, quanto pelo capitalismo e pelo comunismo. Toda essa construção da mitologia da conspiração judaica, conforme Umberto Eco, mantém profundas articulações com diversas

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo PPGH da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor Substituto no Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA)

narrativas literárias, como as de Alexandre Dumas, Eugene Sue, François Bournaud, entre outros, narrativas ficcionais essas que representavam em seus enredos fictícios os complôs jesuíta, judaico e maçônico. Para Umberto Eco, operando com a noção de “protocolos ficcionais”, existem narrativas, abertamente ficcionais, literárias, que possuem um apelo sedutor muito forte. A experiência mimética, ficcional, requer do receptor a chamada “suspensão da descrença”, ou seja, é necessário que o leitor passe a “acreditar” na verossimilhança da narrativa literária (ou qualquer outra que seja) que explora para que sinta catarse. Todavia, a atuação dos protocolos ficcionais no ato narrativo literário, tornando verossímil o texto ficcional mediante o uso de expressões ou padrões estéticos, ainda que possa ser interpretado de várias maneiras, tende a ser visto mais como entretenimento ingênuo, sem desdobramentos negativos. Entretanto, algumas mitologias políticas podem induzir os seus adeptos à condutas desumanas, que negam o Outro como sujeito dotado de direitos e merecedor de respeito. Tais mitologias conspiratórias subvertem ou falseiam a historicidade de certos fenômenos, articulando-os (ou forçando conexões) de tal forma que, para o adepto, o inverídico torna-se uma verdade que pode justificar atrocidades. No desenvolvimento deste trabalho, conseguimos perceber a atuação de determinados protocolos ficcionais, sua proximidade com a estética literária e como esses legitimavam, no texto de Barroso, uma postura excludente em relação aos judeus, vistos como “conspiradores” terríveis e desumanos contra os quais era preciso lutar sem trégua, nem piedade. Acreditamos na relevância da temática, pois, como observou Hannah Arendt (1989, p.526), “o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)”. Ao término deste trabalho, os resultados serão publicados como artigo acadêmico.

**Palavras-Chave:** Mitologia Política; Narrativa de Conspiração; História e Literatura; Gustavo Barroso;

### **Referências Bibliográficas**

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1989.

ECO, Umberto. Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994.

GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1987.